



RITA, Annabela. Eros nas Letras e na pedra. In: **Revista Épicas**. Ano 5, Número Especial 4, Março 2021, p. 59-75. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4.5975>

EROS NAS LETRAS E NA PEDRA **EROS ON LETTERS AND ON STONE**

Annabela Rita
UL-FL-CLEPUL

RESUMO: Considerando os mitos de amor e morte figurações de uma resposta existencial em que cada comunidade se define, se reconhece e codifica a sua existência (legal ou eticamente), este trabalho evocará cinco histórias peninsulares que as Artes e as Letras longamente elaboram e que vão caracterizando a Europa na sua transformação desde a Idade Média até à atualidade.

Palavras-chave: Amor. Morte. Mito. História. Europa.

ABSTRACT: Considering the myths of love and death as figures of an existential response in which each community defines itself, recognizes and codifies its existence (legally or ethically), this work will evoke five peninsular stories that Arts and Letters have long elaborated and that characterize Europe in its transformation from the Middle Ages to the present.

Keywords: Love. Death. Myth. History. Europe.

Introdução

As comunidades começam a conhecer-se, a formar-se, a organizar-se e a definir-se através dos mitos, narrativas que justificam, explicam e tornam compreensível o que as comunidades encaram interrogativamente e que influem na sua ordem, na sua lógica de funcionamento, sugerindo-lhes códigos éticos e legais. Enigmas, acontecimentos, personalidades.

Édipo diante da Esfinge configura esse questionamento existencial: o enigma deriva de um corpo de natureza indefinida, híbrido, compósito, inclassificável. Misto de réptil, leão, ave, homem... o que é? O que diz? Curiosamente, a sua questão descreve a natureza humana de quem o encara e interpela: Édipo, também ele híbrido de 2 genealogias reais e suas circunstâncias, entre o destino e o desejo de o contrariar. Em suma, Édipo

projecta em deformado reflexo de si a reflexão sobre si enquanto *homem* e a Esfinge surge como hologramática instância de auto-reflexividade... Eros e Psique, por seu turno, encenam o auto-reconhecimento no que se acredita ser *o outro*. A cultura é o conjunto metamórfico dos pares pergunta/resposta em auto-reconhecimento: cada comunidade define a seu modo a natureza humana, as leis da vida e do Universo.

Ora, a Europa passa da interrogação sem lugar nem essa hologramática instância (*O Pensador*, que, disposto em círculo concêntrico, desde a Antiguidade chega a Rodin e continua em sucessivas reelaborações) para um infinito fusionado com o mar onde se pressente o lugar e a instância dessa questão ontológica a que a cultura, conjunturalmente, em cada aqui e agora, vai respondendo. *Além-mar*, a quimérica Esfinge configura, em alongado e hierático descanso, a sua versão invertida numa dialéctica em que a Europa se vai conhecendo. Princesa fenícia raptada e violada, Rainha entronada, Imperatriz de oceânica odisseia... Zeus vai-se distanciando da boca de cena e a Europa vai-se afirmando e reconfigurando, observada por um Anjo da História, consciência colectiva, que Albrecht Dürer representa na sua gravura *Melancholia I (1514)*.

Nas alegorias que a representam, a Europa contracena com o masculino fluvial (Reno, Danúbio), como as suas congéneres¹, insinuando a via antropomórfica na definição identitária e a relação amorosa subsequente à que Zeus com ela teve. Épica, lírica e tragédia mesclam-se nessas narrativas de outroragoras onde as comunidades se revêem, se reconhecem e se consciencializam. Aí se exerce, segundo Rougemont, “o caráter mais profundo do mito”, “o poder que exerce sobre nós”².

Perscrutando uma hipotética *Etimologia das Paixões*, Denis de Rougemont assinala desde sempre o mito do adultério em contraluz com o amor & morte, mito que “vemos transparecer em filigrana” nas nossas efabulações, “um tipo primitivo de nossos mais complexos tormentos”³: *O Romance de Tristão e Isolda*.

E as diferentes culturas europeias tenderão a reflectir, de algum modo, esses mitos originais onde a vivência, em geral, e a do amor, em particular, não é simples, nem linear, nem pacífica, onde a transgressão se vislumbra e a meditação e a melancolia dominam esfíngicos olhares... fazendo-o, afeiçoam-nos à sua própria configuração nacional identitária e elevam-nos a constelações do imaginário colectivo.

Das contingências existenciais desses amores-paixões (não importará aqui distinguir os conceitos nem a natureza dos casos), dissolvidas no tempo, sobreviverão as poses em que a História os fixou na memória comunitária: casos de afecto infinito projectando-se além-morte, às vezes, realizando-se mais plenamente, livre de condicionantes terrenas, nesse intangível.

A ficção, narcisicamente enamorada de si, concebeu-os, colhendo-lhes a emoção na lírica e, por vezes, caldeando-a em trágica encenação e dotando-a de simbólica nacional identitária: a Joanhina garrettiana desperta do seu leito de verdura para o amor sonhado, antecipado, surpreendida pelo guerreiro e estrangeirado

¹ Cf. cartografia e representações pictóricas das Alegorias dos Continentes.

² Denis de Rougemont. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.

³ *Ibidem*.

primo, leviano nos amores, e viverá até ao desvairamento essa tempestade afectiva, encenando a destruição do Portugal que representa(m) *na balança de uma Europa* (1830) em acelerada mudança. Os seus rouxinóis entoam o canto de anúncio do ciclo de amor e morte, aviso autoral sobre o drama da nação, e a janela esvazia-se, tornando-se moldura de retrato(s) a fazer...

O drama da vida e morte do original e da imagem gera-se no luto dos desaparecidos, recusando a frieza da História e buscando a humana emoção nos interstícios desta e no sombreado que a acompanha. Vibra de ficção afectuosa, explorando a psicologia, adensando factos, subtilizando sentimentos, complexificando situações, dotando de “carne” os “esqueletos” de histórias (para usar uma expressão camiliana⁴). Espécie de trepadeira que, enroscando-se nas varetas dos factos, floresce, metamorfoseando irremediavelmente retrato e memória do original.

Plínio, o Velho, conta⁵ que Cora, filha do oleiro Butades de Sicião, esboçou numa parede o contorno da sombra projetada pelo rosto do seu amado que partia para longe, procurando, desse modo, manter a sua presença-memória. *Opus affettuoso*, mas ainda e só domínio da *silhueta*⁶.

Depois, preenchido por Butades⁷ o contorno com barro, teria sido este o modelo conservado durante séculos no Santuário das Ninfas, em Corinto, até à destruição da cidade por Lúcio Múmio (séc. II a.C.). A *silhueta* volumetizou-se, *corporificou-se*, mas ainda permanece imóvel, petrificada em *pose* de um instantâneo desvitalizado.

Pairando e embebendo a História e a sua matéria, o Anjo da História (Walter Benjamin, 1992) é melancolicamente representado por Albrecht Dürer (*Melancholia I*, 1514), sombreado pelos companheiros da série (*O Cavaleiro, a Morte e o Diabo*, 1513, e *São Jerónimo no Seu Gabinete*, 1514), e reconhecido por Benjamin no *Angelus Novus* (1920) de Paul Klee⁸, marcado pela consciência da tragédia da existência humana.

Fascinado, positiva ou negativamente, pela matéria que ficcionaliza, o discurso da ficção histórica vibrará do luto do real, da aspiração à hipótese que ele favorece sem confirmar e da consciência da sua própria dimensão de delírio racionalizado. Luto, desejo e consciência confundidos na letra fascinada e transfiguradora.

⁴ Cf. Camilo Castelo Branco. *Vinte Horas de Liteira*, Lisboa, INCM, 2019.

⁵ Plínio, o Velho. *História Natural* (capítulo 12 do livro XXXV). Cit. em <http://lindgaard.blogspot.com/2015/02/o-motivo-da-sombra-como-origem-do.html>.

⁶ Cf. <http://lindgaard.blogspot.com/2015/02/o-motivo-da-sombra-como-origem-do.html>.

⁷ Cf., em tradução inglesa de Plínio, o Velho. *The Natural History*. John Bostock, M.D., F.R.S. H.T. Riley, Esq., B.A. London. Taylor and Francis, Red Lion Court, Fleet Street, 1855 [<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D35%3Achapter%3D43>].

⁸ Walter Benjamin. “Teses sobre a Filosofia da História”, IX (1940). In: *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa, Relógio d’Água, 1992, p. 162.

Da tumulária

A tumulária será o *lugar de memória*, por excelência, onde se fixa, para a posteridade, a *pose* oficial, o *discurso dos homens sobre a história que ali se conclui* (cheia de enigmas e de interrogações sem resposta). É aí, nessa conclusividade trágica, que se inicia a ficção conducente à lenda e/ou ao mito (não me importa aqui distingui-los). A morte é tão-só o momento de trespassse que o túmulo evoca e faz questionar de modo progressivamente abrangente a vida dos mortos, a colectiva e os (des)caminhos da História.

Por isso, partirei dela para as histórias em que nos revemos: partindo de uma peninsularidade europeia medieval (itálica e ibérica), tumularia, para a mais ocidental finisterra contemporânea, cenários de casos de amor & morte na reconfiguração das identidades comunitárias e estéticas. Bordejando a Europa, refractando-lhe os mitos identitários de amor & morte, onde Eros e Psique se projectam, reconhecendo-se cada um deles, no encontro, como o *outro* de *si* próprios...

Começarei, pois, com os medievos ibéricos e itálico:

- 1099, Espanha: Rodrigo Díaz de Vivar, el Cid (1099), e a esposa Jimena Díaz [Burgos]
- 1217, Espanha: Juan e Isabel de Teruel, em Teruel;
- 1303, Itália: Romeu e Julieta, em Verona;
- 1355, Portugal: Pedro e Inês, em Coimbra.

E passarei, por fim, à modernidade europeia, ao

- “Último Grande Amor Português”, tragicamente morto em 1980, em Camarate: o par Francisco Sá Carneiro e Snu Abecassis (4/12/1980).

Cinco casos, como uma estrela do pentagrama vitruviano, entretecendo a humanidade e a arte. E terminando com renovada homenagem a Miguel Real, autor celebrado este mês pelos 40 anos do seu primeiro prémio literário.

Eros, Thanatos & Psique
Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada
...
Fernando Pessoa

No pentagrama amoroso, eis que o centro é iluminado nas suas invariantes canónicas: casos de último ou único amor & morte varrido pela vida, onde deixam a sua marca, cujos protagonistas surgem sacralizados pela história, cultuados pela e na tumulária e projectados no tempo por homenageantes *in memoriam* artísticos. É toda uma “linhagem estética” (T. S. Eliot) que os fraterniza e que se verterá na sua fantasmização literária, replicações, alteridades reflexivas de inequívocas semelhanças, constituindo um *sui generis labirinto da saudade* (Eduardo Lourenço) de que dificilmente saímos.

No entanto, a observação do que os rodeia, do sombreado que os inscreve, insinua a suspeita de que a perfeição *figée* talvez não seja mais do que a elaboração de uma comunidade que nela *se quer (re)ver assim* na “definição da consciência ocidental”, expurgando essa *silhueta* de perfeitos contornos da densidade palpitante da sua imperfeita *humanidade*. Matérias ou esferas que Denis de Rougemont distingue no seu *O Amor e o Ocidente* (1938), dando-nos “a chave d[*o seu*] trabalho” na “Advertência”: a lenda ou mito e a atitude humana, “diametralmente oposta”⁹, até transgressora, assim como a função de evocação da anterioridade e a projecção no futuro potencial.

Narciso ao espelho das artes, Eros diante de Thanatos e de Psique, Édipo diante do seu *eu-outro* esfíngico...

...
Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.
A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

...
Fernando Pessoa

Espanha: 1099: Rodrigo Díaz de Vivar, el Cid, & Jimena Díaz [Burgos]

Em tempo de guerra, com lutas pelo poder e Reconquista, de Cruzadas e de Cavalaria...

Unidos na vida, na morte e no túmulo. El Cid, o “Campeador”, modelo de Cavalaria medieval, guerreiro, herói e paladino, homem de palavra, apaixonado à primeira vista por uma linda aristocrata... reza a lenda que venceu a última batalha a cavalo, quiçá já morto. Quase santificado, cultuado. Teria sido a viúva a sepultá-lo, juntando-se-lhe poucos anos depois. Seguem-se o culto e a memória colectivos.

Porém...

A História consagra diversos episódios que relativizam e desmitificam o caso e as figuras, insinuando a transgressão comportamental:

- El Cid era implacável e capaz de atrocidades (mandou torturar, e depois queimar vivo, o governador da cidade, Ben Yehhaf, implicado na morte de Al-Cádir), apontam-lhe algumas traições ao rei (com desterros consequentes) e alianças com o rei mouro da taifa de Valência, Al-Cádir, assim como a capacidade de mentir e enganar (caso do tesouro de El Cid cujo cofre se exhibe na Catedral de Burgos), e a sua morte ocorreu na cama, doente.
- O amor do par é denunciado por testemunho contemporâneo como justificado pelo interesse dele pelo património de Ximena, feia e bem mais velha, numa aliança de conveniência também para o pai.

⁹ Rougemont, *op. cit.*

- Quanto ao túmulo e ao culto, a verdade é que, pese embora o fascínio pela sua personalidade, os seus restos mortais sofreram vasta itinerância, saque e a diáspora mundial, como se poderá constatar por esta breve cronologia:

1099: Catedral de Valência

1102: Mosteiro de Cardeña [trasladação por Ximena]

1272: Afonso X quis homenagear El Cid com um sepulcro de pedra no centro da igreja e ao lado de Ximena em uma caixa de madeira policromada

1447: o abade Pedro del Burgo demoliu a igreja românica para construir uma de estilo gótico e retirou todos os túmulos, inclusive o Cid, que estava diante da sacristia, assentado sobre quatro leões de pedra

1541: a sepultura mudou-se para o lado direito do altar, enquanto Ximena foi colocada no Senado; Carlos I fê-la regressar ao centro da igreja

1736, Filipe V: construção de uma capela lateral de barroca – a Capela dos Reis, consagrada a San Sisebuto –, no meio da qual eles colocaram os túmulos de El Cid e Ximena (com 26 restos de parentes e conhecidos do Cid). É o sepulcro atual que pode ser visto em San Pedro de Cardeña

Até 1808 (invasões francesas): profanação e saque

1811: abertura e outro saque »» Alemanha, o príncipe de Hohenzollern tinha em seu castelo de Sigmaringen restos de esqueletos de Cid e Ximena, que devolveu a Afonso XII

1813: 2 membros da Comissão do Corpo Legislativo francês levaram ossos, incluindo os 2 crânios

1809 e 1842: entre Burgos e Cardena, deslocam-se ossos do par

1826, 1842, 1883, 1934, 1962, 1968, 2006: são recebidos ossos (alguns, aparentemente repetidos) | desde 1970: fragmentos de ossos num relicário no museu de Bertrand de Châteauroux

1809: Mausoléu do Paseo del Espolón

1826: Casa Consistorial de Burgos

1842-1921: restos exumados são mantidos no Ayuntamiento de Burgos

1921: trasladação para a catedral de Burgos

1217: Juan & Isabel de Teruel, em Teruel

Eis a história:

Em Teruel, no início do século XIII, **Juan (ou Diego) de Marcilla** e **Isabel de Segura** cresceram próximos e apaixonaram-se. O pai de Isabel opôs-se: ele era nobre, mas não primogénito, não teria bens. Ficou acordado que ele iria buscar fortuna e teria a mão da Isabel se regressasse no prazo de 5 anos.

Diego de Marcilla partiu para as Cruzadas em busca de riqueza.

Entretanto, o pai de Isabel, fazendo-a crer na morte de Diego, fê-la aceitar como pretendente o irmão do Senhor de Albarracín, Don Pedro de Azagra. Este, reforçando essa mentira, convenceu-a a casar no dia seguinte ao prazo de 5 anos (em 1217). Era o dia em que Diego estava a regressar...

Chocado com a notícia, Diego conseguiu ver Isabel e implorou-lhe um beijo como prova do amor entre eles, mas ela recusou-lho por dever e respeito ao marido. Como se tivesse sido atingido por um raio, caiu no chão. O seu funeral realizou-se no dia seguinte. Isabel, desolada, quis dar-lhe o beijo que antes negara. No mesmo instante em que seus lábios se juntaram, ela caiu morta sobre o cadáver.

Foram enterrados juntos pela família e pelo juiz.

Jazem no célebre jazigo esculpido por Juan de Ávalos (1956), que homenageia, na igreja de San Pedro de Teruel, os amores trágicos de Juan (Juan de Marsilla) e Isabel (de Segura), de mãos dadas para sempre, com restos encontrados em 1555. Evocados por Tirso de Molina e muitos outros, estruturaram o turismo local e com festival.

Antes de mais, ponderemos esta breve cronologia:

antes de 1250: corria a lenda dos factos, mas com o nome de **Juan** (em vez de **Diego**) Martínez de Marzilla e sem o de Isabel

séc. XV: “*el papel escrito de letra antigua* formaría parte de una miscelánea dedicada a exaltar, como se ha visto, los orígenes legendarios de Teruel”

1555: encontram-se os corpos mumificados de Isabel e Diego na capela de S. Cosme e S. Damião, na igreja de San Pedro (Teruel). Ao lado, um documento contava a história

1555-1578: as múmias permaneceram expostas

1619-1675: desenterraram-se novamente e mantiveram-se em exposição na igreja

1708: primeiras gravuras representando-os num armário que foi colocado no claustro da igreja de San Pedro

1867: Exposição Universal de Paris

1889: exposição das múmias

1936-1939, durante a Guerra Civil: foram escondidos numa cave do Convento dos Carmelitas Descalços de Teruel

23/2/1938: redescobrem as múmias, que tinham sido escondidas numa caverna para as protegerem da batalha de Teruel durante a Guerra Civil.

1955: Juan de Avalos faz um mausoléu para os amantes

1996 ss.: celebram-se em Teruel as festas das Bodas de Isabel de Segura

A exposição das múmias é de uma sensibilidade patológica e macabra, o que já surpreende pela dessacralização do que, alegadamente, se cultua.

Avancemos, no entanto, para o questionamento sobre a verdade do caso assim desenhado:

- o historiador Fernando López Rajadel assegura que a história dos Amantes de Teruel é parte de um códice muito mutilado que conserva a Biblioteca da Catalunha, o manuscrito 353, que a família Marcilla mandou escrever nos finais do séc. XV para destacar a sua linhagem. Tratar-se-ia, pois, de uma narrativa ficcional e não de narração histórica;
- os testes de carbono 14 (2004) revelaram que os restos guardados nos túmulos de Ávalos são de um homem e de uma mulher do início do séc. XIV;
- tudo não passaria, pois, de uma montagem legitimadora da família de Juan Pérez Arnal (o juiz), ao tomar posse da propriedade da família Marcilla, que ficou sem descendência e legou os bens a uma instituição.
- Bastaria assinalar alguns indicadores do itinerário literário do caso para pressentirmos a linhagem estética que o informa e o explora em fascínio:
- Giovanni Boccaccio. *Decamerón* (1353), jornada IV – conto VIII (“Girolamo y Salvestra”)
- Tirso de Molina. *Los Amantes de Teruel* (1635), con los trucos aprendidos de Lope: Diego no marcha a batallas tan remotas como la de las Navas de Tolosa (Jaén, 1212) sino a la de La Goleta (Túnez, 1535)
- Lope de Vega. *Los Amantes de Teruel* (1581)
- Juan Yagüe de Salas (notário de Teruel). *Los Amantes de Teruel: Epopeya Tragica: Con la Restauracion de España por la parte de Sobrarde y Conquista del Reyno de Valencia* (1616)
- Juan Pérez de Montalbán. *Comedia Famosa de los Amantes de Teruel in “Comedias”* – tomo I (1635)
- Juan Eugenio Hartzenbusch (Madrid, 1806-1880). *Los Amantes de Teruel* (1837)
- Federico Muelas. *Poema de los Amantes Desvanecidos* (s.d.)¹⁰
- Manuel Fernández y González. *Los Amantes de Teruel. Tradición de la Edad Media* (1860)
- Avelino Aguirre. *Gli Amanti di Teruel* (1873)

¹⁰ Cf. <https://www.todocoleccion.net/manuscritos-antiguos/lote-31-documentos-manuscritos-poemas-articulos-dibujos-otros-escritos-federico-muelas~x84464084>.

Itália, 1303: Romeu & Julieta, em Verona

Dispensamo-me de sintetizar a história que Shakespeare nos ofereceu no drama com os nomes do par. E bastaria observar a sua recepção e ir a Verona para avaliar do poder de fascinação da mesma.

Em Verona, entre a casa de Julieta (Capuleto) e a de Romeu (Montecchio), hesitantes entre verdade e ficção desde 1303, tece-se a história de referências, rituais e sinais conduzindo da varanda inventada ao alegado túmulo, nos subterrâneos de antigo convento¹¹, quiçá de Julieta, talvez com Romeu, local de juras amorosas e de celebrações matrimoniais, aspirando à felicidade desejada pelo par quando, supostamente, Frei Lourenço os casou na igreja de San Francesco al Corso.

Assinalemos, no entanto, um itinerário reduzido, mas vertiginoso, das metamorfoses do motivo, sem nelas nos determos:

- *Contos Efésios* (meados do séc. III), de Xenofonte de Efésios: muitos elementos semelhantes
- *Metamorfoses* (séc. VIII), de Ovídio, livro IV: a história de *Píramo e Tisbe*
- *Mariotto e Gianozza* por Masuccio Salernitano, no conto 33 de seu *Il Novellino* (1476)
- Luigi da Porto adaptou essa história como *Giulietta e Romeo* e a incluiu em sua *Historia novellamente Ritrovata di Due Nobili Amanti* (1530): personagens, nomes das famílias e local (Verona)
- uma das 214 *Novelas* (1510-1560), de Matteo Bandello, com temas de textos antigos, anedotas, farsas medievais, temas religiosos, etc.
- trad. de Bandello por Pierre Boaistuau no vol. I de *Histoires Tragiques* (1559)
- conto “A trágica história de Romeu e Julieta” (1562), de Arthur Brooke; trad. de Boaistuau
- »» 1567: William Painter, *Palácio do Prazer*, rol de contos com 1 versão em prosa de *Romeu e Julieta* (“*The goodly History of the true and constant love of Rhomeo and Julietta*”)
- *Romeu e Julieta* (1597), de Shakespeare
- *As Duas Furiosas Mulheres de Abingdon* (1598), de Henry Porter
- *Blurt, Master Constable* (1607), de Thomas Dekker
- comédia de Lope de Vega *Castelvines y Monteses* (1606-1612)
- *Amor de Perdição* (1862, novela), de Camilo Castelo Branco
- *A Loja das Duas Esquinas* (2009, romance), de Fernando Campos

Reconhecemos a sucessiva reconfiguração do par através dos tempos, dos géneros e dos registos...

Portugal: 1355: Pedro & Inês, em Coimbra | 1980: Francisco Sá Carneiro & Snu Abecassis, em Camarate

Pessoa reconfigurará as equações europeias na finisterra nacional. Mensagem (1934) reencena o mito e a revisitação do angélico tornada mediúnica: a Europa, venusianamente jazente e com o rosto português, fita o além de si (futuro, infinito). O Pensador-Profeta revisita a história europeia-nacional e verte-se, por fim, em novo Imperador, anunciando e instituindo a Hora que a si e através de si se revela.

¹¹ Complexo formado por uma igreja de 1230 e um convento, onde foi encontrado um sarcófago antigo que a lenda afirma ser de Julieta. Hoje, está lá alojado o Museu de Afrescos Cavalcaselle.

Na história nacional, destacam-se maravilhas e prodígios¹², heróis (re)fundadores e pares amorosos, tragédias e epepeias... tudo contribui para a definição de uma identidade metamórfica, no espaço e no tempo, no entendimento da existência dos homens, “na balança da Europa” (Almeida Garrett).

No que ao amor & morte toca, dois pares se destacam no Portugal medievo: D. Dinis e S.^{ta} Isabel de Aragão, por um lado, e D. Pedro e Inês de Castro, por outro. O primeiro reina, conciliando quanto possível profano e sagrado, lírica e oração, divergência que a separação tumular sinalizará; o segundo não reina, por morte violenta de Inês num trágico episódio que a história vai narrando contra a vontade e a versão do Príncipe sobrevivente¹³. Pelo meio, fica o arco estético que vai da *Menina e Moça* (1554) à beira-mágoa do tempo, chorando o rouxinol em queda, à sua homóloga garrettiana Joaninha (*Viagens na Minha Terra*, 1846), de verdes olhos e desvairado amor, perdida na loucura do tempo até que Junqueiro a reequaciona nesse Doido de uma *Pátria* (1896) alienada que epifânico auto-reconhecimento crucifica em cena que sinaliza a 3.^a Idade, do Espírito Santo, arturiana, sebástica...

Na vida, como nas Artes, os pares amorosos em que a comunidade se revê começam com uma versão popular do bíblico *Cântico dos Cânticos*:

Se essa rua
Se essa rua fosse minha
Eu mandava
Eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
Só pra ver
Só pra ver meu bem passar...¹⁴

E terminam com o reconhecimento da fatalidade que se abate sobre eles, d’“O que tinha de ser”, segundo Vinicius de Moraes ritmado por Tom Jobim, na voz de Maria Bethânia: “Porque foste na vida/ A última esperança/ /.../ Porque foste em minh’alma/ Como um amanhecer/ Porque foste o que tinha de ser”.¹⁵

1355: Pedro & Inês, em Coimbra

Este rei não quiz casar: depois da morte de Dona Ignez, em sendo infante, nem depois que reinou, lhe prove receber mulher.

Por que semelhante amor, qual elRei Dom Pedro ouve a Dona Enes, raramente he achado em alguma pessoa, porem disserom os antiigos quc nenhum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memoria o gramde espaço do tempo. E se algum disser que muitos foram ja que tanto e mais que el amarom, assi como Adriana e Dido, e outras que nom nomeamos, segumdo se lee

¹² Como destacam muitos títulos, incluindo na contemporaneidade (Joaquim Fernandes. *História Prodígiosa de Portugal: Mitos e Maravilhas*, 2012).

¹³ Sobre este assunto, remeto para o que digo em: *Última Vontade Incumprida*, Lisboa, CLEPUL/Calaméo/ISSUU, Fev./2018 [<http://pt.calameo.com/read/001827977d48321ccf7ef> e https://issuu.com/clepul/docs/ultima_vontade_incumprida].

¹⁴ <https://www.ouvirmusica.com.br/cantigas-populares/134098/>. [<https://www.youtube.com/watch?v=vOWGzXshhGM>: 0:27m]

¹⁵ Cf. <https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86784/>; https://www.youtube.com/watch?time_continue=77&v=Z9AGU4RPOk4.

em suas epistolas, respndesse que nom fallamos em amores compostos, os quaaes alguuns autores abastados de eloquemcia, e floreqentes em bem ditar, hordenarom segumdo lhes prougue, dizemdo em nome de taaes pessoas, razooes que numca nenhuuma dellas cuidou; mas fallamos daquelles amores que se contam e leem nas estorias, que seu fumdamento teem sobre verdade. Este verdadeiro amor ouve elRei Dom Pedro a Dona Enes como se della namorou, seemdo casado e aimda lffamte, de guisa que pero dela no começo perdesse vista e falla...

Assim refere o caso Fernão Lopes na sua crónica *Do Reinado d'el-Rei D. Pedro, Oitavo Rei de Portugal, e das Condições Que Ele Havia*.

Sobre o complexo e intrincado processo o mais famoso episódio nacional de paixão e morte que a lírica reelaborará diversamente, o de Pedro (1320-1367) e Inês (1320/1325-1355), remeto para estudo que fiz em *ebook* publicado este ano com vasto apêndice documental: *Última Vontade Incumprida* (2018)¹⁶. A pesquisa deixou-me convicta de que a verdade histórica está dissimulada pela versão oficial e de que o jazigo do par a exhibe ao mundo e à comunidade nacional, impondo a factualidade do casamento do par.

A análise dos túmulos de Pedro e Inês revela uma complexa elaboração da história do par pelo cônjuge sobrevivente, Pedro, para memória futura: uma leitura trágica da vida sujeita a inexorável destino protagonizado por forças humanas malignas, mas a confiança na justiça e numa realização depois da morte, num despertar festivo, celebratório, de ambos aquando do Juízo Final (?) e no castigo dos responsáveis. A rosácea da cabeceira de D. Pedro compõe escultórica hermenêutica do caso amoroso na roda da vida (amor em 12 edículas, 6 de crescente felicidade e 6 de trágica sequência), centrada e explicada pela roda da fortuna (em 6 edículas com a mesma dupla ciclicidade) interna, tudo conduzindo à mensagem e afirmação de amor infinito, de encontro além morte, de espera afectuosa. Eis a (auto)representação para os contemporâneos e os vindouros que D. Pedro impõe no transepto do templo de Alcobaça, lugar axial, de quem “Amava muito de fazer justiça com direito”¹⁷

No entanto, até a verdade dissimula outra nas dobras do retrato modelar e modelizante.

Por exemplo, a bissexualidade de D. Pedro contraria a ideia de dedicação amorosa *exclusiva* a Inês, antes, durante e depois, sempre. Mais uma vez, é Fernão Lopes que denuncia esse aspecto na *Chronica de el-Rei D. Pedro I*, capítulo VIII, ao contar “Como el-rei mandou capar um seu escudeiro, porque dormiu com uma mulher casada”:

E como quer que o el-rei muito amasse o escudeiro [Afonso Madeira], mais que se deve aqui de dizer /.../, mandou-o tomar dentro em sua camara, e mandou-lhe cortar aquelles membros que os homens em mór preço tem: de guisa que não ficou carne até aos ossos, que tudo não fosse corto.

Outros dois exemplos, dentre muitos anotados por Fernão Lopes, roçam a patologia pelo excesso de violência de D. Pedro:

¹⁶ Annabela Rita. *Última Vontade Incumprida* (2018). Lisboa, CLEPUL/Calaméo/ISSUU, Fev./2018 [http://pt.calameo.com/read/001827977d48321ccf7ef e https://issuu.com/clepul/docs/ultima_vontade_incumprida].

¹⁷ Cf. Fernão Lopes, na abertura da *Chronica de el-rei D. Pedro I* (http://www.gutenberg.org/cache/epub/16633/pg16633-images.html).

- o facto de ele, no seu exercício da justiça, ter serrado um padre ao meio por este ter violado uma mulher;
- a morte dos assassinos de Inês de Castro com requintes de sadismo anos depois dos factos:

A Portugal foram trazidos Alvaro Gonçalves e Pero Coelho, e chegaram a Santarem, onde el-rei era. /.../ E el-rei, dizendo que lhe trouxessem cebola, vinagre, e azeite para o coelho, enfadou-se d’elles, e mandou-os matar.

A maneira de sua morte, sendo dita pelo miudo, seria mui estranha e crua de contar, cá mandou tirar o coração pelos peitos a Pero Coelho, e a Alvaro Gonçalves pelas espaduas. E quaes palavras houve e aquelle que lh’o tirava, que tal officio havia pouco em costume, seria bem dorida cousa de ouvir. Emfim, mandou-os queimar. E tudo feito ante os paços onde elle pousava, de guisa que comendo olhava quanto mandava fazer.¹⁸

Rezam algumas vozes que Inês teria sido peão de uma conspiração política dos irmãos para a conquista do poder régio em Espanha, insinuando sobre ela a suspeita de que também disso talvez tivesse conhecimento...

Alexandre Herculano considera-o “um doido com intervalos lúcidos de justiça e economia”¹⁹. Alguns afirmam a epilepsia²⁰. E assim por diante...

Enfim, nas margens, dissimulam-se sombras e suspeitas...

Remeto para o trabalho que dediquei ao episódio e à polémica que o rodeia²¹, mas saliento a convergência da tumulária para o reforço da *factualidade* do casamento do par amoroso separado pelo assassinato político de Inês, factualidade reclamada pela Declaração régia e notarial de Cantanhede, pelos termos da dispensa incondicional papal do Infante, pela trasladação e pelo Sermão das exéquias de D. João de Cardaillac²², pelos termos dos testamentos de D. Pedro I e de sua mãe, pela menção ao *regi Petri et ejus uxoris* em 1361, pelo abade de Cister no capitulo geral da ordem²³, a residência do par no paço criado pela Rainha Sta. Isabel para si e para seus sucessores legítimos, etc.. Também remeto para análise que desenvolvi depois²⁴ sobre o diálogo entre os túmulos do par amoroso e entre o de Inês e da Rainha Santa Isabel (convocada pelas simetrias

¹⁸ Fernão Lopes (1380-1459). *Chronica de el-Rei D. Pedro I*, cap. XXXI: “Como Diogo Lopes Pacheco escapou de ser preso, e foram entregues os outros, e logo mortos cruelmente”.

¹⁹ Cit. por Oliveira Martins. *História de Portugal*, Edições Vercial, 2014, p. 45 [https://books.google.pt/books?id=rhF8AgAAQBAJ&pg=PA49&lpg=PA49&dq=herculano+um+doido+com+intervalos+lucidos+de+juizos&source=bl&ots=HtAgBZwsBF&sig=QYpid_qvmfCUjsbNegVKuCZEV-4&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKewi_tpvZ3rPeAhWmlMAKHdXDBbIQ6AEwA3oECAGQAQ#v=onepage&q=herculano%20um%20doido%20com%20intervalos%20lucidos%20de%20juizos&f=false].

²⁰ Pereira-Rodrigues assinada a instabilidade emocional (*Portugal. Dicionário Histórico, Chronographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*. Lisboa, João Romano Torres Editor, 1904-1915, vol. V, s.v. “D. Pedro”). Montalvão Machado afirma a epilepsia (*Itinerários de El-Rei D. Pedro I (1357-1367)*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1973, 196-198).

²¹ Annabela Rita. *Última Vontade Régia Incumprida (ebook)*, 2018 [https://issuu.com/clepul/docs/ultima_vontade_incumprida] [http://www.lusosofia.net/textos/20180717-annabela_rita_ultima_vontade_regia_incumprida.pdf]

²² Maria Helena da Cruz Rebelo e António Manuel Ribeiro Rebelo. *D. Pedro e D. Inês: diálogos entre o amor e a morte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016 [DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1160-0]

²³ ANTT – Ordem de Cister MSMC, m. 3, n.º 93. Regular (margem direita do pergaminho muito irregular, por cortes e destruições várias), com furos do selo pendente. 327x288 (dobra: 058). Inicial iluminada a sépia. Pergaminho de boa qualidade; regrado (18 linhas, muito sumidas, sobretudo as horizontais; letra bulática, com hastes superiores na 1.ª linha). Publ.: Fr. Manuel dos Santos, *Alcobaça Ilustrada*. Coimbra: na oficina de Bento Seco Ferreira, 1710, p. 182-183; Saul António Gomes “O mosteiro de Alcobaça e D. Pedro I”, in *Colóquio Inês de Castro. Actas. 15 de Janeiro de 2005*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005, p. 71-73. Agradeço a Maria Alegria Marques esta informação e a transcrição do documento.

²⁴ Annabela Rita. *Sfumato & Câneone. Na senda da identidade nacional*, Brasil | Espanha | França | Itália | Portugal, Edições Esgotadas e instituições académicas, 2021, pp. 189-218.

em testemunho abonatório da jovem assassinada e como símbolo maior de uma linhagem familiar), mas também entre o de Inês e a própria estrutura arquitectónica em que se inscrevia: esse diálogo em jogo de espelhos no centro do templo legitima, prestigia, nobilita (confere realzeza) e (con)sagra Inês e o amor do par.

E lembro que o célebre discurso de João das Regras nas cortes de eleição de D. João I (1385)²⁵, alegadamente baseado em inquirição realizada²⁶ desenvolve argumentação rigorosamente coincidente com a do testamento de D. Fernando no que aos filhos de Pedro e Inês se refere. Será essa a versão oficial que se impõe e chega à actualidade, contradizendo esses outros sinais na pedra e nas letras...

1980: Francisco Sá Carneiro & Snu Abecassis, em Camarate

Na contemporaneidade, o par Francisco Sá Carneiro e Snu Abecassis afrontou os preconceitos, os protocolos e a política²⁷ e faleceu tragicamente na explosão de um Cessna em 4/12/1980. Caso *Camarate*, Acidente de *Camarate* ou Atentado de *Camarate*, que também vitimou o Ministro da Defesa, Adelino Amaro da Costa, e todos os que nele seguiam. Considerado pela X Comissão de Inquérito parlamentar como inequívoco “atentado”, assinalou o relatório que José Moreira (o dono do avião utilizado na campanha presidencial de 1980) e Elisabete Silva foram assassinados a 5 de janeiro de 1983, dias antes de o primeiro, engenheiro, ir testemunhar

²⁵ Cf. Auto de eleição de D. João I pelas Cortes de Coimbra (6 de Abril de 1385) (Frei Manuel dos Santos, *Monarquia Lusitana*, parte 8.ª, pp. 668 e segs. D. António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, p. 340 e segs.) [http://www.arqnet.pt/portal/portugal/documentos/eleicao_djoao.html] com a intervenção decisiva de João das Regras. Sobre ele, diz-se na *Crónica de D. Fernando* recém-chegado do curso de Bolonha (“.../ o doutor [...] Joham das Regras [...], que pouco auia uehera do estudo de Bollonha”, cap. 157) e alguns que regressara em 1382 (“Em Bolonha recebeu o grau de doutor em leis, regressando à pátria em 1382”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, XXIV, p. 837). Ora, curiosamente, António Brásio não encontrou nenhum registo dessa frequência com diploma no *Liber secretus iuris cessarei* (*Livro dos Exames e Livro dos Graus*, período 1378-1512), no Arquivo Arquiepiscopal de Bolonha (A. Brásio, op. cit., p.8), obra que A. Sorbelli publicou em Bolonha em 1938 (*Il a Liber Iuris Caesarei* dell'Università di Bologna, período de 1378-1420) e em 1942 (para os anos de 1421-1450), apesar de nele constarem diversos portugueses.

²⁶ Marcelo Caetano considera que o seu mérito dever-se-á mais ao relato (e ‘arranjo’) de Fernão Lopes, “uma prova do génio literário de Fernão Lopes e admirável resumo das razões que *deviam ter sido invocadas* na discussão da legitimidade dos pretendentes ao trono” (*Revista Portuguesa de História*, Coimbra, 1951, tom. V, vol. II, p. 18). Afirmando a ilegitimidade dos filhos de Pedro e Inês, acaba por fazer confluir a sua argumentação para o confronto final entre a falta de patriotismo destes e o patriotismo de D. João, Mestre de Avis, filho ilegítimo de Pedro e Teresa Lourenço... Por outro lado, João das Regras invoca uma bula de Inocêncio VI, de 15 de Julho de 1361, recusando reconhecer a legitimidade dos filhos de Pedro e Inês em resposta a pedido deste: ora, António Brásio declara não a ter encontrado em arquivo algum (“As ‘razões’ de João das Regras nas Cortes de Coimbra”, *Lusitania Sacra*, Lisboa, 3, 1958, pp. 7-40 [<http://hdl.handle.net/10400.14/5018> e https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/5018/1/LS_S1_03_AntonioBrasio.pdf], p. 21) e José Barbosa demonstrou ter sido forjada (*idem*, pp. 21-23). Aliás, ambos os autores destacam o desaparecimento “notável” e oportuno dos documentos invocados por João das Regras que contradiriam a legitimidade do casamento e dos filhos de Pedro e Inês (*idem*, p. 18). Sobre a nomeação de João das Regras como Reitor do Priorado de Santa Maria de Guimarães, cf. António Brásio: <https://ch.guimaraes.pt/uploads/actas/1CH/vol2/1ch-vol2-002.pdf>.

Fátima Regina Fernandes assinala que D. Fernando I, no seu testamento de 1378, teria afastado os Infantes Castro da linha sucessória como ilegítimos e, no caso de Dinis e Beatriz, traidores do reino com o auxílio de Diogo Lopes Pacheco (“**Os exílios da linhagem dos Pacheco e sua relação com a natureza de suas vinculações aos Castro (segunda metade do século XIV)**”, *Cuadernos de historia de España*, Dez 2008, vol. 82, pp. 31-54) e “Testamento de D. Fernando (28 de agosto 1378)” (Salvador Dias Arnaut, *A Crise Nacional dos Fins do Séc. XIV Séculos*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1960, p. 294. (v. Anexos). E, em uma carta régia de 25 de Maio de 1380, D. Fernando dá a terra de Ferreira de Aves, núcleo patrimonial dos Pacheco e de direito de Diogo Lopes, a Álvaro Peres de Castro, justificando-se com acusações a Diogo Lopes: embaixador desleal que combatiera o reino português e tentara matar o rei (ANTT. Chancelaria de D. Fernando, I, n. f. 64 v-65).

²⁷ Fernando Dacosta relativiza essa relação n’*O Botequim da Liberdade* (2013).

em comissão parlamentar de inquérito sobre a queda do Cessna, e após ter declarado possuir informações relevantes sobre o assunto. Na Internet pode ler-se a confissão assinada de Fernando Farinha²⁸, responsabilizado pela bomba que lhe teria sido encomendada (menos potente), mas, segundo ele, substituída pela que explodiu e era letal. Ouviram-se rumores sobre uma conspiração para abafar a descoberta pelo Ministro da Defesa de redes de tráfico de armas e de desvio do Fundo de Defesa Militar, tese defendida por personalidades como Freitas do Amaral, companheiro de vida política²⁹.

Se Eduardo Lourenço menciona 3 grandes traumas na cultura portuguesa (na fundação, com Alcácer-Quibir e com a descolonização), na verdade, no ciclo subsequente do país neles gerado, avulta este traumático caso. Elevado a símbolo e indicador de uma sociedade onde a integridade nacional é ceifada pela corrupção (inter)nacional, nele cintilam as estrelas de 2 amantes: Snu Abecassis, “Princesa da Dinamarca” e personalidade da cultura, e Francisco Sá Carneiro, “Príncipe” português e primeiro-ministro do país. Vinte e sete anos depois, o romance histórico assume e reconfigura o caso: quiçá, demasiado cedo para a regra do distanciamento temporal dessa ficção, talvez demasiado tarde para a terapia do trauma comunitário (apesar de corresponder ao *timing* de c. 30 anos que lhe tem sido reconhecido), certamente intemporal desde que a letra estética o fixou no sublime.

Com Miguel Real, há 4 décadas premiado pela primeira vez, motivo da homenagem na Universidade da Beira Interior (Colóquio Internacional “Miguel Real: Literatura, Filosofia, Cultura”, 7-8/Nov./2018)³⁰, a imagem histórica do fragmento selecionado pelo *zoom* do nosso imaginário reconfigura-se: o “colo de garça” que os carrascos medievais cortaram com lâmina inexorável reapresenta-se íntegro ao cutelo dos seus homólogos contemporâneos. Na capa do volume *O Último Minuto na Vida de S.* (2007)³¹. E o “vínculo” que unia os pares de amor & morte reiterou-se: se os primeiros foram temporariamente separados pela morte, os segundos foram nela reunidos e ambos os pares permanecem unidos pela sepultura (em Alcobaça e no cemitério do Lumiar³², respectivamente).

Thriller de amor & morte em convulsionado último minuto de S.. A moldura de cinco anos de conjuntura política nacional que o inclui, numa espécie de anamorfose de espelho côncavo, miniaturiza-se, inscrevendo-se e ampliando-se nele. O grão da voz da consciência de S. entoa o último canto da “Princesa da Dinamarca” com “colo de garça” até que as reticências autorais o suspendem nesse trespassse pressentido e irrepresentável.

²⁸<https://pt.scribd.com/document/115516484/Camarate-Confissao-Fernando-Farinha-Simoes>. Cf.

<https://sol.sapo.pt/noticia/398653/Camarate-Relatorio-reafirma-tese-de-atentado>

²⁹ Cf., dentre outras notícias: <http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/camarate-freitas-sem-duvidas-que-trafico-de-armas-foi-mobil-do-atentado>.

³⁰ Cf. <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcoloquio/>.

³¹ Edição utilizada: Miguel Real. *O Último Minuto na Vida de S.*, Matosinhos, QuidNovi, 2007.

³²Cf. https://books.google.pt/books?id=wfiqAAAAQBAJ&pg=PT101&lpg=PT101&dq=sepultura+de+snu+abecassis&source=bl&ots=eRfcYnWtov&sig=yIOBI2_7DzwamNG2OzRzW35jx7A&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjaraSopfzdAhXpx4UKHRJhDvsQ6AEwCXoECAQQAQ#v=onepage&q=sepultura%20de%20snu%20abecassis&f=false.

Na capa, a nuca garante a suspeita que a inicial insinua e cuja referencialidade o fragmento apresentacional desenha no centro do pescoço alongado, desocultado pelo cabelo já não “dourado corrido, solto” (p. 110), mas sombreado e apanhado, exposto numa nudez parecendo antecipar a morte, a fissura, a ruptura da actividade cerebral que conduz o discurso e suporta a ficção, vulnerável ao golpe fatal.

O anúncio d’“o último Grande Amor português visto pela imaginação romanesca” reforça a dimensão ficcional do texto sobre o pano de fundo do reconhecido e reconhecível (Snu Abecassis, Francisco Sá Carneiro, um Portugal em *outroragora*).

Depois, o texto começa.

Discurso feminino dirigido ao amado, subvertendo certo cânone, continuando outro, entretecendo ecos familiares. *Cântico dos Cânticos*:

/.../ falavas em pétalas de rosa branca, esmaecidas, finas e aveludadas como retrato fiel das minhas faces, os meus olhos esmeralda, os meus lábios carmim, as minhas sobranceiras cor de outono, as minhas orelhas tenras, suaves, todo tu me beijavas /.../. (p. 94)

Mas também *Crónica de Uma Morte Anunciada* (“amor e política geram tragédia”, p. 15). Até...

/.../ ouço pronunciares a primeira letra do meu nome, S, a mortalha de fumo asfixia-te, as outras letras não saem já da tua boca, o teu nome cola-se na minha, preso, de lábios cerrados, os olhos lacrimejando, as narinas soprando o fumo preto, ansiando por respirar... (p. 125-126)

Essa única e última letra pronunciada pelo amado repercutir-se-á no título do *requiem* por um amor defunto, por um par unido na tragédia e dissolvido na nuvem da explosão, na vertigem da queda do Cessna. Na sinuosidade da letra, parece desenhar-se o incenso de Eros fundindo-se com Thanatos. E o voo do avião assemelha-os ao mítico Ícaro, como ele terminando, afundados pela pressão da lei da realidade...

Texto ritmado pelo tempo escoando na ampulheta, inexorável, fatal, contundentemente marcado pela pontualidade do número e da contagem na brancura da página: 0”, 10”, 20”, 30”, 40”, 50”... Etapas de um amor que a convulsão política e alheia transformou em *via crucis*. *Pavane pour Une Infante Défunte* (*Pavana para Uma Infanta Defunta*, 1899) na lentidão do fim (não do século, como a de Maurice Ravel, por sugestão de Gabriel Fauré, em 1887, e inspirada na jovem infanta precocemente falecida d’*As Meninas*, 1656, de Velásquez, mas da vida do par e da relação amorosa). *De Profundis* num feminino actualizando com desesperança o salmo bíblico³³ ou a epístola de wildeana memória (Oscar Wilde, 1879). *Valsa Lenta* diversa da de José Cardoso Pires (1997). Todas fraternizadas por um fenómeno de *lentificação* descrito em *De Profundis* por Oscar Wilde³⁴ e traduzido por Fernando Pessoa:

³³ Salmo 130, 129 na *Vulgata* [http://capuchinhos.org/biblia/index.php/Sl_130]. Trata-se de um “Cântico de Esperança” e pedido a Deus, prece.

³⁴ “... Suffering is one very long moment. We cannot divide it by seasons. We can only record its moods, and chronicle their return. With us time itself does not progress. It revolves. It seems to circle round one centre of pain. The paralysing immobility of a life /.../”. Oscar Wilde. *De Profundis* (ebook) [<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000457.pdf>, p. 2].

... O sofrimento é um momento muito longo. Não o podemos dividir por estações. Apenas podemos notar os seus modos e registar a sua volta. Para nós o próprio tempo não avança. Revolve. Parece circular em torno de um só centro de dor. A imobilidade paralisante /.../.³⁵

O olhar aproxima-se, na progressiva desvitalização final, do quase vítreo de Camilo Pessanha, “espelho inútil” por onde passam as imagens “para nunca mais”³⁶.

Ciclo da plenitude à asfixia, da cintilância ao vórtice do fumo, do olhar às lágrimas, evocando ecos de outro canto dolente perdido no tempo, o de João Roiz de Castelo-Branco (*Cancioneiro Geral*), colhido séculos depois pela voz de Amália Rodrigues ritmada por Alain Oulman e chorada pela guitarra de Raul Nery:

Senhora, partem tão tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tão tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.³⁷

Apenas o discurso do amor alonga, “compelindo” (como o de Camões) o outro, e a nós com ele. Encantatório. Tingido de camoneano onírico (“Em sonhos aquela alma me aparece/ Que pera mim foi sonho nesta vida”). Nimbande de mito a história do seu canto, suspendendo-o nas reticências que confundem beijo e fumo, vida e morte, realidade e ficção... enlutado contraste com tantos beijos que o contoário popular e a Arte nos oferecem, desde o desfalecente de Rodin (1888-1889) ao dourado de Klimt (1907-1908), afirmando a vida, insinuando o enlace do feminino pelo masculino.

No branco frio da página, espaço-tempo após, só o enunciado da data e do local de escrita põe termo a esse discurso logicamente impossível, anti-natura, *post mortem*, em jeito de inscrição em pedra tumular, pacificando os espíritos dos amantes: “Fontanelas, 10 de Junho de 2007”

Envolve-se, assim, no *sudário* do verbo literário, o par, a nação e a Europa unidos numa mesma tragédia. No entanto...

Fernando Dacosta, que conheceu e conviveu com ambas as personalidades, amigos e familiares, e com eles conviveu, relativiza essa relação n’*O Botequim da Liberdade: Como Natália Correia Marcou, a partir de Um Pequeno Bar de Lisboa, o Século XX Português* (2013), afirmando outra versão: que a mulher de Sá Carneiro o teria deixado (não o contrário, como circulava), cansada da vida política a que ele mais se dedicou para dar sentido à vida, e lhe iria conceder o divórcio devido às pressões sociais e familiares que sofria se ele mantivesse essa vontade, e que, apesar de Sá Carneiro ter sido uma fixação de Snu, ele se cansaria da aventura e regressaria

³⁵ Tradução de Fernando Pessoa em *Textos Filosóficos*. Vol. I. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa, Ática, 1968 (imp. 1993), p. 227 [<http://arquivopessoa.net/textos/1561>].

³⁶ “Imagens que passaes pela retina”. In *Clepsydra*. Ed. crítica de Paulo Franchetti. Lisboa, Relógio d’Água, 1995.

³⁷ [v. <https://www.youtube.com/watch?v=oNlgGjsUBO4>].

ao lar original. Trata-se, alegadamente, do que Fernando Dacosta teria sabido nas vésperas do acidente por Isabel, mulher do político.³⁸

Considerações finais

De uma maneira ou de outra, doxa ou a heterodoxamente, Eros & Psique segue a letra pessoana nas suas reconfigurações:

...
Mas cada um cumpre o Destino –
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.³⁹

Ao fundo, ouve-se um dos Quartetos “Haydn” de Mozart (Viena, 1785), homenagem deste a Joseph Haydn, que foi interpretado nas exéquias de Snu Abecassis, na igreja dos Ingleses, em Lisboa.

Referências bibliográficas

- AA. VV.. *Colóquio Inês de Castro*. Actas. 15 de Janeiro de 2005. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005
- ARNAUT, Salvador Dias, *A Crise Nacional dos Fins do Séc. XIV Séculos*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos, 1960.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa, Relógio d’Água, 1992.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Vinte Horas de Liteira*, Lisboa, INCM, 2019.
- BRÁSIO, António. “As ‘razões’ de João das Regras nas Cortes de Coimbra”, *Lusitania Sacra*, Lisboa, 3, 1958, pp. 7-40.
- CAMILO Pessanha. *Clepsydra*. Ed. crítica de Paulo Franchetti. Lisboa, Relógio d’Água, 1995.
- Cuadernos de Historia de España*, Dez 2008, vol. 82, pp. 31-54.

³⁸ Cf. Fernando Dacosta. *O Botequim da Liberdade: Como Natália Correia Marcou, a partir de Um Pequeno Bar de Lisboa, o Século XX Português*, Lisboa, Casa das Letras, 2013, pp. 145-147.

³⁹ Fernando Pessoa, “Eros e Psique”. In *Poesias*. Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa, Ática, 1942, p. 237.

DACOSTA, Fernando. *O Botequim da Liberdade: Como Natália Correia Marcou, a partir de Um Pequeno Bar de Lisboa, o Século XX Português*, Lisboa, Casa das Letras, 2013.

LOPES, Fernão. *Chronica de el-rei D. Pedro I* [<http://www.gutenberg.org/cache/epub/16633/pg16633-images.html>].

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*, Edições Vercial, 2014.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Eds.: João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa, Ática, 1942.

PESSOA, Fernando. *Textos Filosóficos*. Ed. e pref.: António de Pina Coelho. Lisboa, Ática, 1968 (imp. 1993), [<http://arquivopessoa.net/textos/1561>].

Plínio, o Velho. *The Natural History*. John Bostock, M.D., F.R.S. H.T. Riley, Esq., B.A. London. Taylor and Francis, Red Lion Court, Fleet Street, 1855.

[<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0137%3Abook%3D35%3Achapter%3D43>].

REAL, Miguel. *O Último Minuto na Vida de S.*, Matosinhos, QuidNovi, 2007.

REBELO, Maria Helena da Cruz, e António Manuel Ribeiro Rebelo. *D. Pedro e D. Inês: diálogos entre o amor e a morte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

Revista Portuguesa de História, Coimbra, 1951, tom. V, vol. II.

RITA, Annabela. *Sfumato & Cânone. Na senda da identidade nacional, Brasil | Espanha | França | Itália | Portugal*, Edições Esgotadas e instituições académicas, 2021.

RITA, Annabela. *Última Vontade Incumprida* (2018). Lisboa, CLEPUL/Calaméo/ISSUU, Fev./2018 [<http://pt.calameo.com/read/001827977d48321ccf7ef> https://issuu.com/clepul/docs/ultima_vontade_incumprida].

ROUGEMONT, Denis de. *O Amor e o Ocidente*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.

SOUSA, D. António Caetano de. *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo I, p. 340 e segs.) [http://www.arqnet.pt/portal/portugal/documentos/eleicao_djoao.html].